

\*Arqueólogo; FCT;  
UNIARQ – Centro de  
Arqueologia da Uni-  
versidade de Lisboa,  
Portugal.  
c.augstoneves@gmail.com

\*\*UNIARQ –  
Faculdade de Letras  
da Universidade de  
Lisboa, Portugal.  
m.diniz@fl.ul.pt

\*\*\*Técnico de  
Arqueologia.  
g.simoelopes@gmail.com

# O sítio neolítico das Casas Velhas do Coelho

## (Salvaterra de Magos, Portugal): notícia da sua identificação<sup>1</sup>

---

César Neves\*  
Mariana Diniz\*\*  
Gonçalo Lopes\*\*\*

<sup>1</sup> Uma versão deste texto foi apresentada na revista *MAGOS* (2014). A opção por publicar na *Revista Portuguesa de Arqueologia* resulta de esta apresentar objetivos editoriais distintos e um público-alvo mais identificado com as questões em análise. Assim, procedeu-se a uma revisão do texto, tendo em atenção os novos dados que, entretanto, foram publicados sobre o tema, acentuando o carácter científico da RPA.

**Resumo** O presente trabalho tem como objetivo dar a conhecer a identificação do sítio arqueológico de Casas Velhas do Coelho, localizado em Muge (Salvaterra de Magos, Portugal). Tendo em conta a análise dos elementos da cultura material recolhidos, bem como o registo arqueológico existente na área da margem esquerda do Baixo Tejo, propõe-se uma leitura crono-cultural e funcional para o sítio. As Casas Velhas do Coelho, considerando os dados superficiais observados, parecem corresponder a um sítio de habitat ocupado durante as primeiras fases do processo de neolitização, num espaço previamente e fortemente relacionado com os últimos grupos de caçadores-recoletores e pescadores do Mesolítico.

**Abstract** This paper aims to present an archaeological site located in Muge (Salvaterra de Magos, Portugal). According the analysis of the recovered material culture and the archaeological record known for the left bank of the lower Tagus valley, we propose a crono-cultural and functional view for this site.

According to the surface data, Casas Velhas do Coelho seem to be a habitat occupied during the early stages of the Neolithic, in an area strongly connected with the last groups of hunter-gatherers and fishers of the Mesolithic.



Fig. 1 – Casas Velhas do Coelheiro – Localização. À esquerda: na Península Ibérica (base cartográfica: Gonçalves, 1989 – adaptado); à direita: na CMP à escala de 1:25 000 (Folhas 377 e 378 – excerto); em baixo: a plataforma onde se implanta o sítio, junto à Ribeira do Coelheiro (foto de Andrea Martins).

## 1. Introdução

Em 2001, durante um trabalho para a finalização da sua licenciatura, um dos signatários deste texto (GL) mencionou pela primeira vez o sítio das Casas Velhas do Coelheiro (Lopes, 2001). Após reconhecer diversas áreas de concentração de material arqueológico, onde se destacavam “Cerâmicas manuais com e sem decoração, lâminas de sílex (...) núcleos de sílex, lascas residuais de sílex e quartzito, objetos unifaciais sobre seixos de quartzito, termoclasto;” Lopes não teve dúvidas em classificar o sítio como um *habitat* enquadrado no Neolítico (Lopes, 2001, p.19). Porém, a sua identificação por este autor remontava a 1993, numa das muitas incursões que fez pela área da freguesia de Muge, na procura de locais com interesse histórico-arqueológico.

Este texto tem como objetivo principal a apresentação deste sítio arqueológico que terá tido ocupação humana durante as primeiras fases do Neolítico nesta região.

Os dados arqueológicos agora expostos possibilitam a prossecução de uma reflexão acerca das últimas comunidades de caçadores-recoletores e dos primeiros grupos das antigas sociedades camponesas na margem esquerda do Baixo Tejo, iniciada em 2005, através do projeto de investigação intitulado *Neolítico antigo e médio na margem esquerda do Baixo Tejo (NAM)* (Neves, Rodrigues & Diniz, 2008b), e seguida nos anos imediatamente posteriores com o estudo (ainda) parcial da Moita do Ourives e com a análise integral do sítio do Monte da Foz 1 (Neves, Rodrigues & Diniz, 2008a; Neves, 2010).

A informação que aqui se abordará não resulta de trabalhos de escavação arqueológica, mas

Fig. 2 – Casas Velhas do Coelheiro na Carta Geológica de Portugal – excerto da Folha 31C 1:50 000, Serviços Geológicos de Portugal.

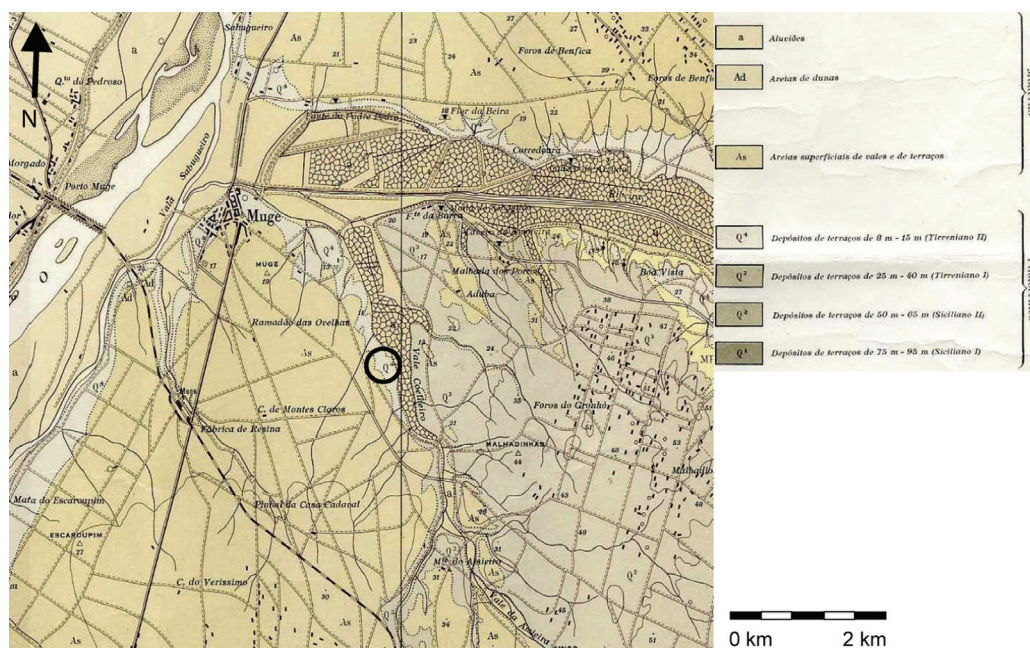


Fig. 3 – Casas Velhas do Coelheiro. Aspeto geral do sítio com o Paul do Concelho/Ribeira do Coelheiro ao fundo (foto de Andrea Martins).



A localização do ponto com maior concentração de material arqueológico, e de onde resultam a maioria das recolhas em análise, é a seguinte:

*Gauss, datum Lisboa (militares):*

M = 151938

P = 235487

A = 14 m

A região onde se inserem as Casas Velhas do Coelheiro integra-se na Bacia Hidrográfica do Rio Tejo. O sítio localiza-se na margem esquerda do Baixo Vale do Tejo, junto à Ribeira do Coelheiro. Caracteriza-se por uma planície aluvial composta por depósitos de sedimentos finos de origem fluvial, marinha e continental (Zbyszewski & Ferreira, 1968).

Do ponto de vista geológico, o espaço em análise enquadra-se na Bacia Sedimentar do Baixo Tejo. Numa micro-escala, as Casas Velhas do Coelheiro inserem-se numa região onde dominam os depósitos quaternários em contraste com a margem oposta do Tejo, onde estão presentes depósitos detríticos miocénicos. Na área do Baixo Tejo, a evolução plistocénica é caracterizada pelo desenvolvimento de terraços, sendo que a localização topográfica das Casas Velhas do Coelheiro situa-o na área de desenvolvimento do nível de terraço Q4, cujas altimetrias variam entre os 8 e os 15 m (Zbyszewski & Ferreira, 1968, p. 9) (Fig. 2). Nestes depósitos de terraço, encontram-se cascalheiras de seixos de quartzito e quartzo. Depositadas estratigraficamente sobre o terraço Q4, surgem as areias superficiais (As), que assumem

sim de prospeção no Vale do Coelheiro realizada em duas fases distintas: uma primeira, já descrita, que resultou na identificação do sítio; uma segunda, em 2005, já inserida no referido projeto de investigação (NAM).

Desta forma, os dados em análise, ainda que preliminares e condicionados por limitações de ordem arqueográfica, visto que resultam de observações e recolhas de superfície, terão de ser interpretados com as necessárias reservas associadas a este tipo de informação.

## 2. Espaço e território

O sítio arqueológico das Casas Velhas do Coelheiro localiza-se, administrativamente, em Portugal, na freguesia de Muge, concelho de Salvaterra de Magos e distrito de Santarém. A área prospetada localiza-se na Carta Militar de Portugal, na folha n.º 377, à escala de 1:25 000 (Fig. 1).

uma grande extensão na área, caracterizando-se como "...areias amareladas ou acastanhadas, de grão fino a grosseiro, acumuladas a partir do Plistocénico, por transporte fluvial ou torrencial e, em parte, acumuladas pela acção eólica..." (Zbyszewski & Ferreira, 1968, p. 9).

O espaço onde terá sido implantada a ocupação, ao ar livre, das Casas Velhas do Coelho caracteriza-se por uma área aberta, plana, sobre um substrato arenoso, a baixa altitude e sem quaisquer condições naturais de defesa. Ao nível de recursos naturais, a ocupação terá beneficiado da grande proximidade com as Ribeiras do Coelho (hoje dominada pelo Paul do Concelho), e Muge, afluentes de um curso principal, o Tejo, também ele, à data da ocupação, muito próximo do sítio arqueológico (Fig. 3).

Esta área é genericamente definida pelo paleo-estuário do Tejo, formado aquando da transgressão flandriana, procedendo a fortes alterações no rio e nos seus diretos tributários, alcançando o seu máximo em  $\pm 5000$  BP (Daveau, 1980). O ambiente fluvial distinto do atual, resultante das alterações paisagísticas e oscilações climáticas que a região sofreu desde do Plistocénico superior, teve consequências ao nível da diversidade dos recursos existentes (Martins, 2004; Freitas & *alli*, 2006). O regime estuarino então aí registado proporcionaria a existência de uma diversidade de recursos alimentares passíveis de ser adquiridos, sem grande esforço, através de práticas de caça, recolção e pesca. Com segurança, é de crer que esta situação terá sido determinante na implantação dos habitats durante as primeiras fases do Neolítico, tal como as Casas Velhas do Coelho. No entanto, a riqueza económica proveniente deste meio contrastaria com a débil aptidão dos solos (com alto teor de salinidade), para eventuais práticas agrícolas. Os trabalhos de prospeção realizados nas Casas Velhas do Coelho permitiram observar a existência de material arqueológico disperso, ao longo de uma área de cerca de 3000 m<sup>2</sup> (Fig. 4). À superfície, observa-se uma grande diversidade artefactual, com especial domínio para os termoclastos e produtos debitados em quartzito. Uma visita ao sítio em maio de 2014 confirmou estas leituras, constatando que tem sido realizado algum revolvimento do subsolo, nomeadamente através de limpezas de terreno para criação de caminhos rurais, trazendo à superfície mais elementos



arqueológicos. Atualmente não existem vestígios de agricultura recente, e assinala-se a presença de um pequeno pinhal localizado, de forma aleatória, ao longo de toda a plataforma. O sítio não se encontra, de momento, ameaçado.

Fig. 4 – Casas Velhas do Coelho. Pormenor dos trabalhos de prospeção arqueológica (foto de Andrea Martins).

### 3. Espólio arqueológico

As ações de prospeção realizadas nas Casas Velhas do Coelho possibilitaram a recolha de um total de 171 artefactos, dos quais 108 correspondem a fragmentos cerâmicos, 60 de pedra lascada e 3 de pedra polida/afeiçoada. Procurou-se registar a maior diversidade possível de elementos da cultura material, de modo a determinar com maior precisão o momento crono-cultural com que o sítio possa estar relacionado. Desta forma, não se recolheu a totalidade dos artefactos observados à superfície, sendo ainda hoje possível constatar a presença de numerosos elementos ao longo de toda a área. Embora todo o espaço que se considera pertencer ao sítio revele materiais arqueológicos à superfície, foi na zona mais a norte (de onde se retirou a coordenada acima mencionada) que a prospeção permitiu registar uma maior concentração artefactual, sendo, desta forma, a área de onde provêm a grande maioria dos elementos aqui abordados.

Por se tratar de recolhas de superfície, fundamentais na identificação das ocupações, mas que apresentam condicionalismos na caracterização de um sítio arqueológico que só uma recolha em contexto estratigráfico ajuda esclarecer, não se

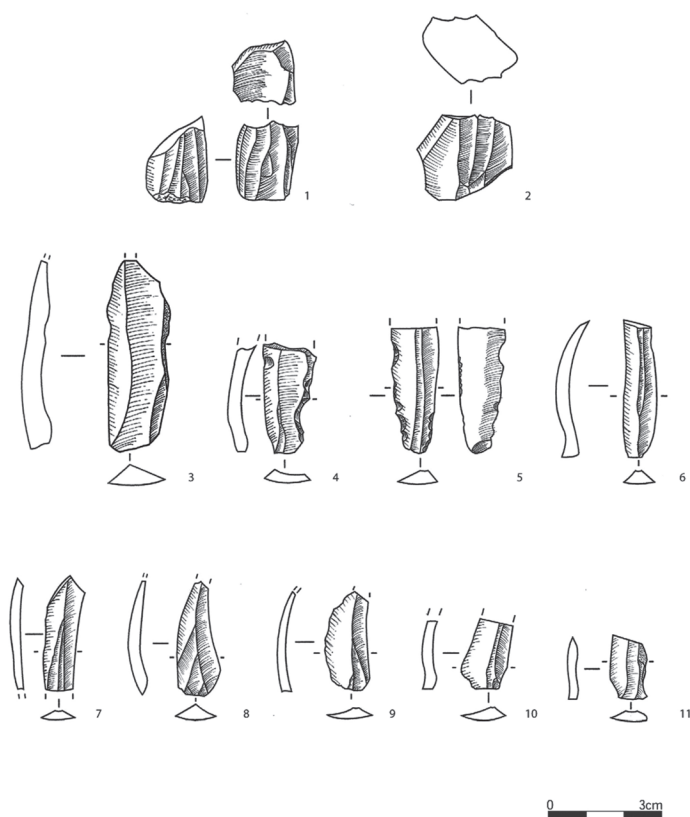


Fig. 5 – Casas Velhas do Coelheiro. Pedra lascada (sílex): 1–2 – núcleos prismáticos para lamelas; 3 – lâmina; 4 – lamela com entalhe; 5 – lamela com retoque marginal; 6–11 – em bruto.

Fig. 6 – Pedra lascada. Núcleo sobre seixo de quartzito (foto de Marco Andrade).



uma leitura preliminar sobre as matérias-primas, estratégias de exploração das mesmas, economia e objetivos de debitage e funcionalidade dos utensílios conformados.

Os instrumentos em sílex correspondem aos elementos recolhidos em maior número, podendo, ainda assim, não significar uma maior representatividade na cultura material dos grupos que terão ocupado as Casas Velhas do Coelheiro.

A utilização do sílex parece indicar uma clara oposição face à estratégia e finalidade de talhe que, em baixo, verificaremos no quartzo. Os dados remetem para uma exploração dirigida para a produção de suportes alongados e, possivelmente em menor número, de lascas, não se tendo registado qualquer micrólito geométrico. Esta estratégia assenta na exploração de sílex de excelente qualidade, tendo o mesmo sido obtido em áreas distantes do sítio, em contextos geológicos primários, que em nada se relacionam com o enquadramento geológico das Casas Velhas do Coelheiro.

Estes indicadores de exploração alóctone do sílex revelam a importância que este teria na economia dos habitantes deste espaço. Desta forma, observa-se, nesta matéria-prima, um talhe mais cuidado, intensivo, visando o seu aproveitamento quase integral, sendo visível o córtex em alguns produtos debitados e recorrendo, num ou outro caso, ao pré-tratamento térmico.

Para o sílex, reconhecem-se neste limitado registo: 5 núcleos prismáticos para lamelas e 4 núcleos prismáticos para pequenas lascas (Fig. 5, n.ºs 1 e 2); material de preparação e reavivamento de núcleos (flanco e fragmento de núcleo); produtos de debitage (produtos alongados: 1 lâmina pequena; 14 lamelas brutas; 2 lascas – Fig. 5, n.ºs 3 e 6–11); restos de talhe; utensílios (2 lamelas com retoque marginal; 1 entalhe; 4 raspadeiras – Fig. 5, n.ºs 4 e 5).

pretende, nesta análise do espólio arqueológico recolhido, produzir dados estatísticos, de contagens e percentagens, pois estas terão um valor muito residual, correndo o risco de serem formuladas conclusões desajustadas da realidade. Além do mais, os materiais de superfície recolhidos podem corresponder a ocupações distintas do sítio, ficando sem valor científico qualquer formação de conjuntos entre os artefactos.

Ainda assim, crê-se que os elementos recolhidos apresentam indicadores seguros que possibilitam uma caracterização preliminar do sítio, bem como a formulação de propostas para o espaço (ou espaços) crono-cultural em que as Casas Velhas do Coelheiro tenha funcionado como um cenário de ação.

### 3.1. Indústria lítica

O grupo de materiais de pedra lascada recolhido à superfície é composto por 60 peças, produzidas a partir da utilização de matérias-primas locais (quartzito), regionais e exógenas (sílex). Estes 60 registos testemunham algumas componentes das cadeias operatórias, tanto do quartzito como do sílex. As recolhas permitem

Relativamente ao quartzito, os dados recolhidos parecem indicar que o processo tecnológico envolveu um talhe expedito que visaria a produção de lascas, de conceção muito simples. Os 5 núcleos unipolares recolhidos, com poucos levantamentos, são indicadores seguros de uma abundância de matéria-prima que se apresenta localmente disponível, e de fácil obtenção (Fig. 6). Registaram-se lascas corticais e semicorticais, não se tendo observado, macroscopicamente, qualquer traço de utilização ou retoque. No campo, foram ainda observados vários restos de talhe em quartzito, que não foram recolhidos. A macro-utensilagem em quartzito é uma característica comum de sítios ocupados numa fase evolucionada do Neolítico Antigo, como parece ser o caso das Casas Velhas do Coelho, principalmente quando esta matéria-prima se apresenta como recurso imediatamente acessível.

#### *Pedra polida/afeiçoada*

No campo da pedra afeiçoada e polida, a prospeção só permitiu, até à data, a identificação e recolha de três elementos, todos eles de pedra afeiçoada. Trata-se de dois moventes e um fragmento de dormente. Em todos os casos, estes instrumentos foram produzidos em granito. Os exemplares registados apresentam-se muito fragmentados, com exceção de um único movente, intacto.

Apesar do grau de fragmentação que um dos exemplares apresenta, os moventes identificados parecem corresponder a instrumentos de pequenas dimensões, passíveis de ser manipulados com uma só mão. A peça inteira tem de comprimento 118 mm, de largura 79 mm e de espessura 41 mm. Os exemplares apresentam uma conformação ovalada, tendo as duas superfícies ativas e os bojos cuidadosamente bujardados.

O dormente corresponde a uma peça em muito mau estado, com um grau de fragmentação bastante elevado, conservando-se uma pequena parte daquilo que terá sido o seu todo (Fig. 7). Este fragmento de mó aparenta ter tido uma forma circular, conservando-se 101 mm de comprimento, por 75 mm de largura e 56 mm de espessura máxima.

Os elementos artefactuais em pedra afeiçoada registados são constituídos por rochas de origem exógena. Face à localização das Casas Velhas do Coelho, o granito têm a sua fonte de aprovisionamento mais próxima no interior alentejano, nomeadamente nas áreas hoje per-



tinentes aos distritos de Évora e Portalegre, a uma distância mínima de 50 km.

O mau estado de conservação e o elevado grau de fragmentação poderão estar relacionados com a intensidade e grau de utilização a que estes elementos estiveram sujeitos, além de fenómenos pós-deposicionais que terão contribuído para a sua fraturação. Por outro lado, não se pode minimizar o facto de se tratar de uma matéria-prima de origem exógena, sendo a sua obtenção resultado de um esforço físico elevado. Desta forma, seria de todo expectável que se tentasse retirar o máximo proveito das funcionalidades dos artefactos, procedendo-se à sua utilização até à máxima e definitiva exaustão.

Embora não tenham sido recolhidos durante as ações de prospeção, são bem visíveis, à superfície, numerosos termoclastos. A existência de elementos pétreos com marcas de fogo, ou fragmentados pela ação do calor, é uma das principais características que levaram à identificação deste sítio arqueológico. A observação no terreno permitiu constatar que estes elementos são maioritariamente compostos por matérias-primas locais, como o quartzito e o quartzo. A utilização de seixos rolados de quartzito deverá ser mesmo dominante, estando estes relacionados com o espaço de ocupação

Fig. 7 – Pedra afeiçoada. Fragmento de dormente de mó de granito (foto de Marco Andrade).

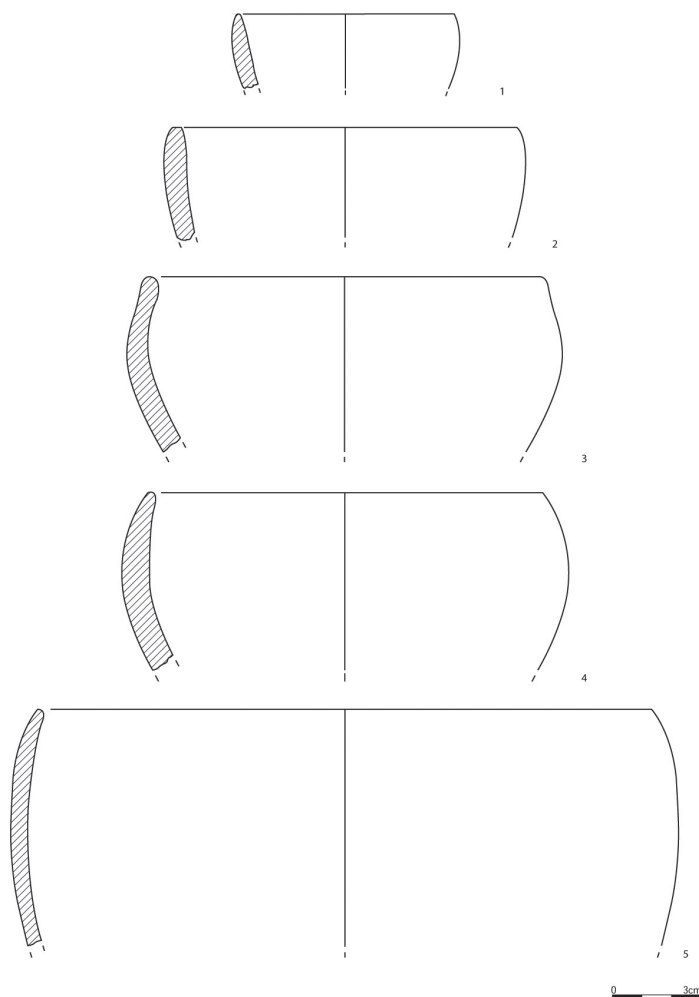


Fig. 8 – Casas Velhas do Coelho. Cerâmica lisa.

em causa, sobre os terraços quaternários do Baixo Tejo. Embora a observação destes elementos só ocorra de maneira superficial, não deixando grande espaço para a realização de leituras mais concretas, ainda assim, é de crer que, embora fora do seu contexto primário, possam indicar a presença de estruturas relacionadas com a combustão em espaços de habitat.

### 3.2. Cerâmica

O conjunto de materiais em cerâmica, proveniente dos trabalhos de prospeção realizados nas Casas Velhas do Coelho, é formado por 107 fragmentos de recipientes, correspondendo à grande maioria dos elementos recolhidos no sítio.

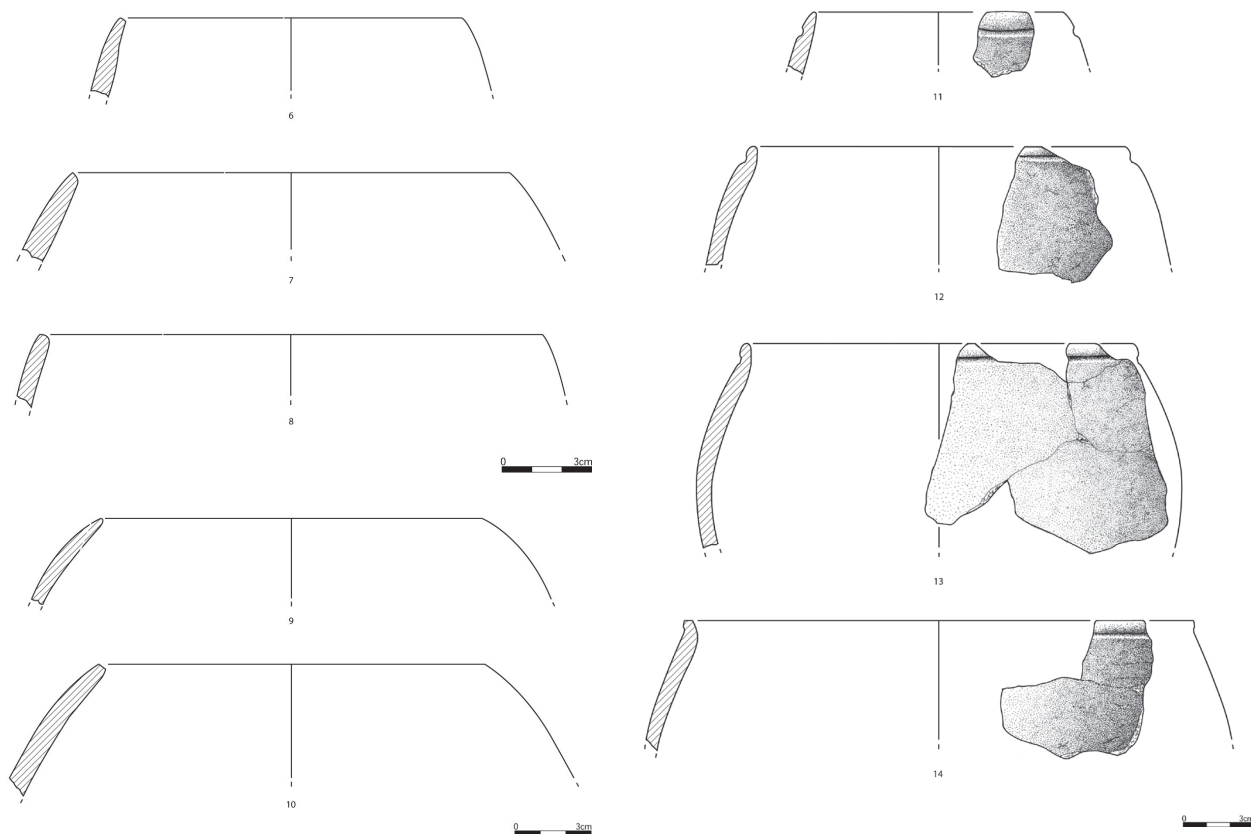
Dos 107 fragmentos, 29 pertencem a bordo, 77 são bojos e um fragmento é de elemento de preensão e/ou suspensão, isolado do seu reci-

piente original, que foi classificado como asa. Do universo dos bojos, 69 não apresentam qualquer decoração, ficando desprovidos de leitura crono-cultural específica. Ainda assim, existe um bojo que, pela sua espessura — 18 mm — se enquadra na categoria de paredes muito espessas, e que deverá estar associado a um recipiente de grandes dimensões, podendo funcionar como indicador económico, nomeadamente de armazenagem de bens alimentares.

Procedeu-se a uma triagem que gerou um subconjunto com todos os fragmentos que possuísem informação culturalmente significativa, a fim de serem analisados e descritos de forma individualizada. Desta amostra, fazem parte todos os bordos, os bojos com decoração, os elementos de preensão e/ou suspensão isolados, nomeadamente as asas, mamilos ou pegas. Este subconjunto corresponde a um total de 37 fragmentos. A análise deste grupo de fragmentos de recipientes permitiu observar uma produção cerâmica que parece partir da utilização de argilas localmente disponíveis, construindo recipientes de pastas compactas, cozidas em ambiente redutor, frequentemente detentoras de elementos não plásticos, maioritariamente, de pequeno e médio calibre (domínio de quartzo e feldspato — observação macroscópica). Após o recipiente estar formalmente configurado, as superfícies foram, em grande parte, alisadas.

Os bordos, que permitiram o cálculo da orientação geral do recipiente e da sua dimensão, indicam a existência de um maior número de formas fechadas, face às formas abertas, também elas presentes. Não se observaram recipientes com as paredes rectas. Quanto ao tamanho, o conjunto caracteriza-se pelo predomínio dos recipientes de média dimensão. Torna-se, assim, difícil aferir a funcionalidade destes recipientes, em virtude de poderem ter sido realizados para uma multiplicidade de fins, tais como a preparação e consumo de alimentos. Em seguida, surgem os recipientes de pequena dimensão, deixando num plano aparentemente residual a classe de grandes contentores (somente registado num recipiente).

Ao nível da espessura dos recipientes, predominam as paredes com espessuras finas, entre os 6 e os 8,9 mm, seguindo-se as paredes espessas, entre 9 e os 12,9 mm. Em nenhum bordo se observou a presença de paredes muito espessas, ficando esse registo para o bojo acima referido. Esta observação da espessura vai ao



encontro da presença maioritária, neste conjunto, de recipientes de média dimensão.

No geral, as paredes terminam em bordos morfologicamente simples. Ocorrem bordos arredondados, biselados e aplanados. Quanto à sua orientação, foram registados bordos retos e apresentando inflexões simples, de maneira extrovertida. Relativamente à classificação tipológica, nos recipientes abertos a forma mais registada é a hemisférica (taças) e, nas formas fechadas, a esférica e ovoide (Figs. 8 e 9).

Na categoria de elementos de prensão e suspensão, estão registados 2 recipientes com pegas ou mamilos e uma asa, apresentando estados de conservação muito díspares. Os mamilos ou pegas surgem conservados e associados a fragmentos de recipiente, ao contrário da asa, que surge isolada.

Relativamente à asa, trata-se de um fragmento isolado de uma pequena asa em rolo, em mau estado de conservação. O facto de não se encontrar associado a um bordo ou bojo dificulta a sua caracterização, nomeadamente no que se refere ao tipo de perfuração.



A aplicação de pegas e/ou mamilos nos recipientes está presente em dois fragmentos. Utilizando os critérios definidos por um dos autores relativamente à definição dos conceitos de “mamilos” e “pega” (Diniz, 2007, p. 131), registou-se a existência de duas pegas.

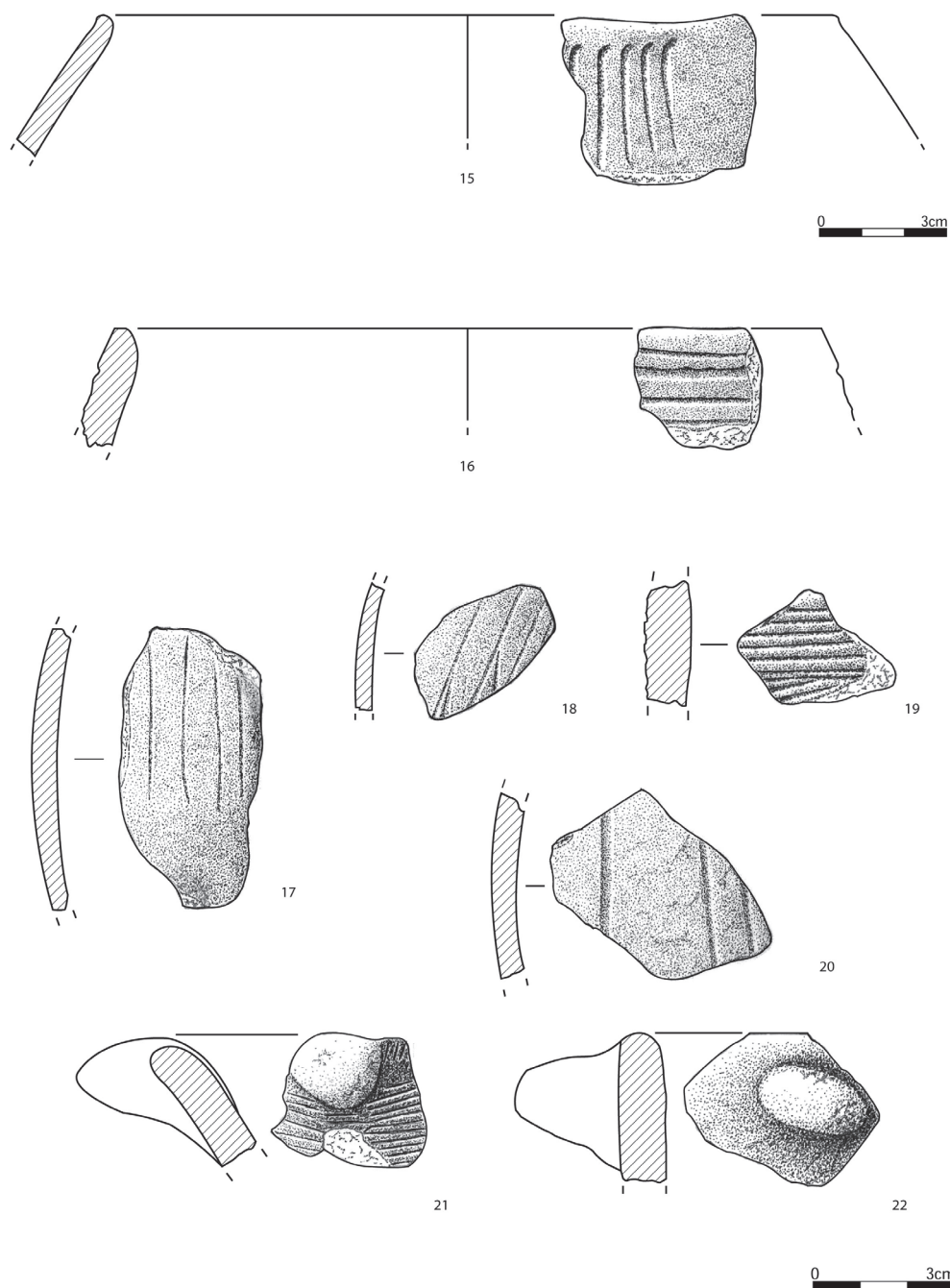
As pegas encontram-se associadas a dois fragmentos de bordo de distintos recipientes, estando localizadas sobre o bordo, não sendo possível caracterizar morfologicamente os vasos. As pegas apresentam formas alongadas, sendo que num caso encontra-se associada a um sistema

Fig. 9 – Casas Velhas do Coelheiro. Cerâmica lisa.

Fig. 10 – Casas Velhas do Coelheiro. Cerâmica com decoração incisa – sulco abaixo do bordo.

Fig. 11 – Casas Velhas do Coelheiro. Sulco abaixo do bordo (foto de Marco Andrade).

Fig. 12 – Casas Velhas do Coelho. Cerâmica decorada: 15–21 – decoração incisa; 21–22 – aplicação de elementos de preensão e/ou suspensão.



decorativo, a incisão (Fig. 12, n.º 21; Fig. 14), e no outro, a um recipiente liso (Fig. 12, n.º 22). Do universo de 107 fragmentos, apenas 15 se apresentam decorados, limitando o processo de análise a uma mera descrição dos motivos e da temática decorativa, caso a caso. A única exceção poderá estar presente no subconjunto de fragmentos com *sulco abaixo do bordo*. A técnica decorativa mais frequente é a incisa, com 11 presenças. A impressão registou-se em

5 peças, e a combinação de técnicas, em que o mesmo recipiente foi decorado com motivos impressos e plásticos, ocorre em um exemplar. Nesta amostra, a técnica da incisão, apesar de ser a mais representada, não apresenta uma grande variabilidade temática. Dos 11 fragmentos exclusivamente decorados através de incisão, 4 correspondem, somente, a uma linha incisa, paralela ao bordo e logo abaixo deste, a uma distância que nunca ultrapassa os

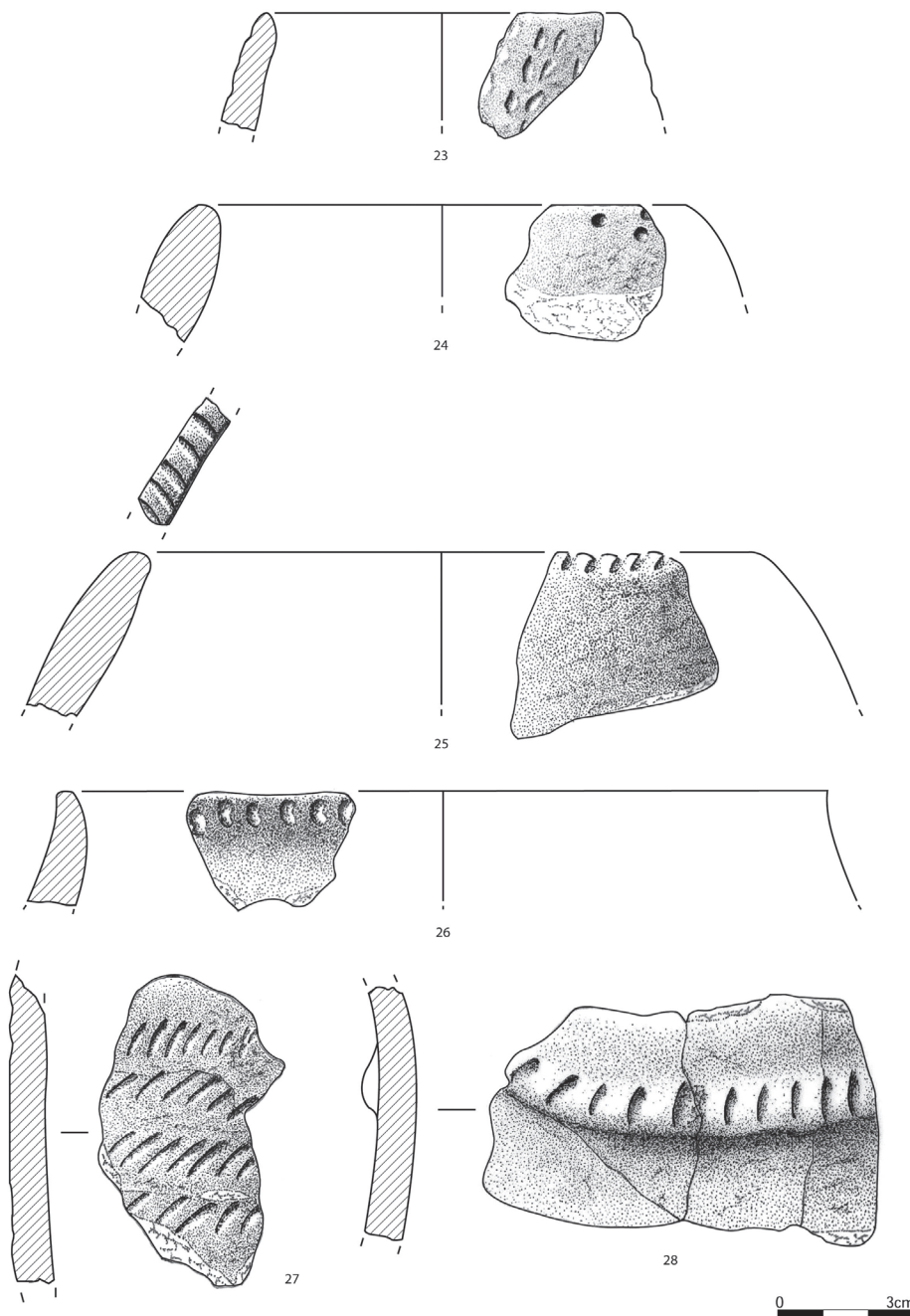


Fig. 13 – Casas Velhas do Coelho. Cerâmica decorada: 23–27 – decoração impressa; 28 – combinação de técnicas impressa/plástica.

10 mm (Figs. 10 e 11) Este motivo decorativo, comumente denominado como *sulco abaixo do bordo*, poderá possuir um significado crono-cultural específico, adiante discutido.

Os restantes 7 exemplares, com decoração incisa, apresentam séries e fiadas de linhas paralelas entre si (Fig. 12). Em 3 fragmentos de bordo, foi possível observar a relação das fiadas de linhas, encontrando-se, num caso, perpendiculares ao bordo (Fig. 12, n.º 15) e, em dois

casos, paralelos a este (Fig. 12, n.ºs 16 e 21).

Embora o número de fragmentos decorados impressos seja diminuto, ainda assim, observa-se uma variedade de matrizes aplicadas, na sua maioria, por puncionamento individual. Em termos de disposição, observam-se puncionamentos perpendiculares e oblíquos, relativamente ao bordo e superfície do vaso (Fig. 13).

A impressão oblíqua de puncionamentos individuais, em fiada, de matriz simples, paralelos entre



Fig. 14 – Casas Velhas do Coelho. Cerâmica decorada (foto de Marco Andrade).

si e perpendiculares ao bordo está presente em 2 recipientes (Fig. 13, n.º 24 e 26). O n.º 26 tem a particularidade de ocorrer na superfície interna do recipiente. Os motivos decorativos existentes no n.º 24 correspondem a puncionamentos individuais de forma circular, obtidos a punção vertical. Noutro fragmento de bordo surgem três fiadas que sugerem a presença de um motivo em espiga. Esta temática decorativa parece repetir-se num bojo com quatro bandas de impressões oblíquas, e paralelas entre si (Fig. 13, n.º 23 e 27; Fig. 14). Um único exemplar regista a presença exclusiva de impressões a punção individual, de forma oval e de pequena dimensão, que recortam a superfície do bordo (Fig. 13, n.º 25).

A combinação de duas técnicas decorativas (impressão e plástica) ocorre num único recipiente. A decoração compósita corresponde a uma fiada de 10 puncionamentos de matriz simples aplicada sobre um cordão plástico, que deveria circundar todo o recipiente (Fig. 13, n.º 28; Fig. 14).

Por fim, importa referir que não foram observados durante as prospeções quaisquer nódulos de argila cozida, geralmente associados à função de revestimento e colmatação de espaços e estruturas domésticas.

#### 4. Casas Velhas do Coelho: primeiras leituras e futuras linhas de investigação

Os elementos artefactuais analisados, segundo um critério exclusivamente tipológico, sugerem que as Casas Velhas do Coelho correspon-

dam, provavelmente, a um espaço de habitat ocupado no final do Neolítico Antigo, em transição para o Neolítico Médio, integrando-se num espaço temporal próximo dos finais do V milénio e os inícios do IV milénio AC. As técnicas e temáticas decorativas identificadas nos recipientes cerâmicos (nomeadamente os recipientes decorados com *sulco abaixo do bordo*), bem como a existência de produtos laminares de pequena dimensão, vão no sentido desta leitura, apresentando claros paralelos com conjuntos artefactuais registados em sítios de habitat da Estremadura, como a Pena d'Água, Costa do Pereiro, Cerradinho do Ginete e Palácio dos Lumiares (Carvalho, 1998, 2008; Nunes & Carvalho, 2013; Valera, 2006), bem como do sul de Portugal, nomeadamente os sítios da área da Comporta e Sines (ex: Pontal e Palmeirinha) (Silva & Soares, 1980; Silva, Soares & Coelho-Soares, 2010; Soares & Silva, 2013), e discutidos pelos autores noutra ocasião (Neves & Diniz, 2014).

Fruto dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos já neste século, também é possível obter paralelos no espaço da margem esquerda do Tejo, onde se insere o sítio em análise. Na área do atual concelho de Salvaterra de Magos, a escavação arqueológica do sítio da Vala Real permitiu a identificação de um recipiente com motivos decorativos muito semelhantes aos das Casas Velhas do Coelho, nomeadamente a aplicação de impressões sobre um cordão plástico (Aldeias & Gaspar, 2007). Regista-se ainda, a cerca de 5 km das Casas Velhas do Coelho, o sítio dos Cortiçóis (Benfica do Ribatejo, Almeirim), caracterizado como sendo dos finais do V milénio AC, cuja intervenção arqueológica forneceu um conjunto artefactual com grandes semelhanças com alguns elementos das Casas Velhas do Coelho, nomeadamente em alguns exemplares de cerâmica com decoração incisa e com produtos laminares de pequena dimensão (Carvalho, Gibaja & Cardoso, 2013; Cardoso, Carvalho & Gibaja, 2013).

Ainda neste contexto geográfico, importa destacar a ocupação registada no Monte da Foz 1 (Benavente), enquadrada entre a 2.ª metade do V e a 1.ª metade do IV milénio AC, que apresenta nos recipientes com *sulco abaixo do bordo* e em alguns instrumentos líticos, como as lamelas em sílex com retoque marginal, lâminas de pequena dimensão, e na estratégia de talhe do quartzito, os principais paralelismos com as

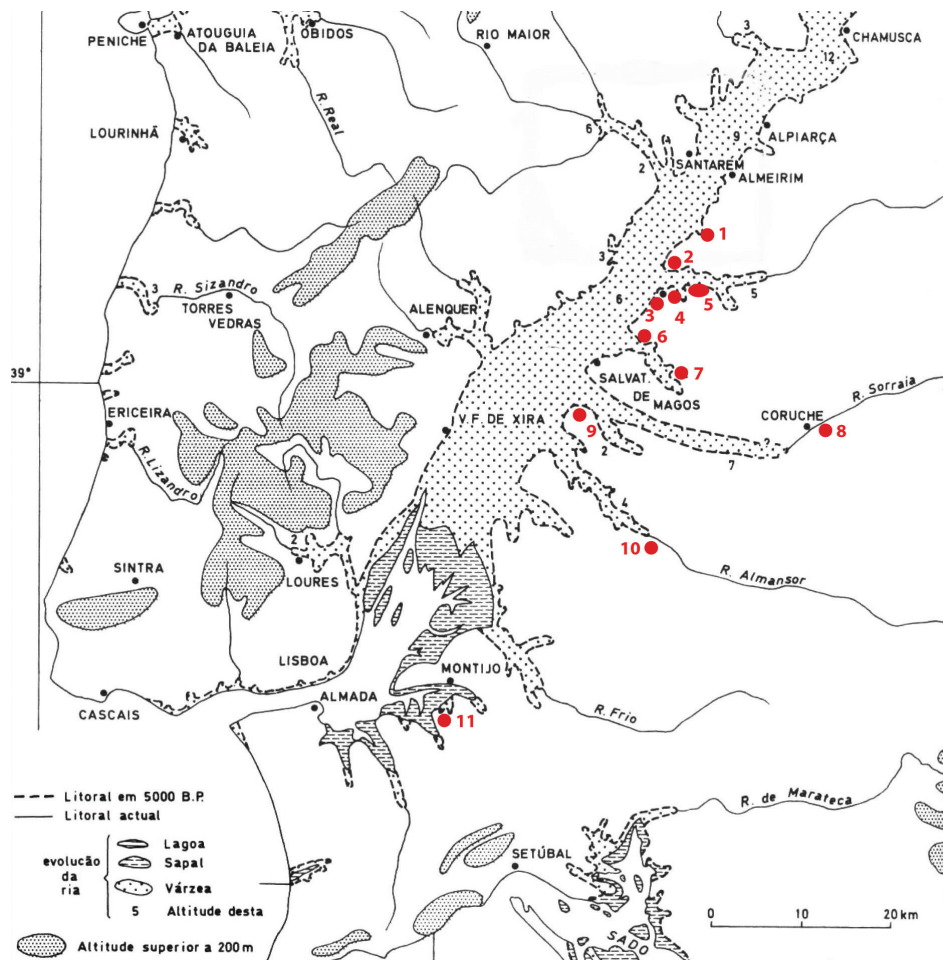


Fig. 15 – Mapa de distribuição dos principais sítios enquadrados no processo de neolitização na margem esquerda do Baixo Tejo (base cartográfica: Daveau, 1980, p. 26 – adaptado):

1. Cortiçóis;
2. Forno do Tijolo 2;
3. Vale de Lobos;
4. Casas Velhas do Coelho;
5. Moita do Sebastião / Cabeço da Amoreira / Amoreira 1;
6. Cova da Onça / ORZ 1;
7. Vala Real;
8. Casas Novas;
9. Monte da Foz 1;
10. Moita do Ourives;
11. Gaio.

Casas Velhas do Coelho (Neves, 2010). Atendendo à presença de material arqueológico disperso ao longo de uma área tão vasta da margem esquerda da Ribeira do Coelho, é de crer que esses artefactos não se reportem a uma única ocupação (que, a confirmar-se, seria de grandes dimensões). Face ao observado em outros sítios de cronologia e ambiente geomorfológico análogos, a permanência de grupos neolíticos nas Casas Velhas do Coelho deve-se ter efetuado de forma horizontal, ao longo da plataforma, em diversos episódios ocupacionais, de forma temporária, embora enquadrados num mesmo patamar crono-cultural. A presença de material arqueológico relacionado com eventuais ocupações neolíticas, observado à superfície em locais muito próximos da área das Casas Velhas do Coelho, como a Quinta dos Gatos 1 e 2 e Vale do Coelho 1 (Lopes, 2001), poderá ir ao encontro desta proposta. Nesta fase, é impossível definir as estratégias de subsistência que terão sido adotadas pelos grupos que habitaram nas Casas

Velhas do Coelho. Ainda assim, a sua implantação, junto à Ribeira do Coelho e em grande proximidade com a Ribeira de Muge e o Rio Tejo, enriquecidos com recursos estuarinos de grande diversidade, sugere uma utilização preferencial deste meio envolvente através das estratégias de caça-pesca-recoleção. Como já foi referido, durante o V milénio AC, a riqueza económica proveniente deste ecossistema estuarino contrastava com a fraca aptidão destes solos para as práticas agrícolas. Se a limitação dos solos aparenta ser um obstáculo face às dinâmicas esperadas para as primeiras fases do Neolítico, a tipologia funcional da ocupação poderá explicar esta posição, onde a agricultura, não deverá ter sido uma atividade primordial na “balança económica” do grupo. No entanto, se a agricultura teve um peso determinante no subsistema económico dos habitantes das Casas Velhas do Coelho, essa prática ter-se-á realizado em áreas mais interiores, onde se encontrariam solos mais leves e passíveis de serem trabalhados por técnicas

agrícolas ainda incipientes. Ainda assim, ocorrem no registo arqueológico, aqui descrito, artefactos relacionados com estas novas atividades económicas, introduzidas durante o processo de neolitização (moventes e dormentes). Estes elementos atestam a presença de uma comunidade integrada nas antigas sociedades camponesas, portadora do clássico “pacote neolítico”, quer do ponto de vista artefactual/cultural, quer do ponto de vista de economia e produção.

Uma ocupação humana neste espaço proporcionária, de igual modo, grandes condições de mobilidade entre espaços territoriais. O Tejo e seus afluentes, bem como as vastas planícies existentes na envolvente, permitiam aos grupos humanos um ritmo de mobilidade sem grandes condicionamentos geográficos, possibilitando a deslocação até territórios e contextos geológicos distintos — Estremadura e Alentejo interior — com melhores condições para a prática da pastorícia e agricultura, respetivamente e que estão documentados pela presença de matérias-primas líticas não regionais, numa necessária complementaridade social, cultural e económica a que, gradualmente, o processo de neolitização obrigava. E, neste sentido, a confirmar-se esta leitura preliminar proposta para o enquadramento crono-cultural e funcional das Casas Velhas do Coelho, este sítio poderá corresponder a mais um espaço de cariz habitacional que testemunharia e integraria a faixa geográfica “local” (Carvalho, 2014, p. 221), e os territórios de exploração e circulação que A. F. Carvalho propõe para os indivíduos do Neolítico Médio, depositados no Algar do Bom Santo (Estremadura, Alenquer — margem direita do Baixo Tejo) (Carvalho,

2014, Fig. 6.2, p. 212 e Fig. 6.5, p. 227).

No entanto, é importante recordar que a identificação deste sítio, bem como os dados que permitiram a sua caracterização preliminar, resulta de trabalhos de prospeção, e não de uma escavação arqueológica. Esta última ação apresenta-se como um passo decisivo na confirmação das leituras aqui expostas, ou na formulação de novas (quem sabe, até mesmo opostas), visto que poderá fornecer outro tipo de dados, corretamente quantificados e, mais importante, devidamente enquadrados em contextos arqueológicos e estratigráficos seguros, integralmente registados.

O concelho de Salvaterra de Magos e, nomeadamente, a freguesia de Muge, internacionalmente reconhecidos pela passagem das últimas comunidades de caçadores-recoletores na Península Ibérica, acrescem ao seu património cultural um conjunto de elementos relacionados com a etapa seguinte, com as Casas Velhas do Coelho a assumirem-se como uma parte integrante desta sequência histórica. Embora este momento ainda se encontre, no essencial, por determinar uma paisagem que, arqueograficamente, aparentava estar desprovida de ocupações relacionadas com as primeiras fases do processo de neolitização vai dando lugar a uma cartografia de povoamento cada vez mais preenchida e objeto de reflexão. Na margem esquerda do Rio Tejo e ao longo das Ribeiras de Muge, Magos, Sorraia, Almansor e Santo Estêvão, reconhecem-se lugares ocupados — Cortiços como o sítio identificado, até agora, mais montante, e o Gaio, mais a jusante — que atestam a presença, na região, dos primeiros grupos humanos agro-pastoris (Fig. 12).

Lisboa, novembro de 2014

### Bibliografia citada

ALDEIAS, Vera; GASPAR, Rita (2007) - O sítio da Vala Real (Salvaterra de Magos, Santarém): contributo para o conhecimento do Neolítico antigo no Baixo Tejo. In BICHO, Nuno; VERÍSSIMO, Hugo, eds. - *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 171–181.

BICHO, Nuno; CASCALHEIRA, João; MARREIROS, João; PEREIRA, Telmo (2011) - The 2008–2010 excavations of Cabeço da Amoreira, Muge, Portugal. *Mesolithic Miscellany*. Edinburgh. 21:2, pp. 3–13.

CARDOSO, João Luís; CARVALHO, António Faustino; GIBAJA BAO, Juan (2013) - O sítio do Neolítico Antigo de Cortiços - Almeirim, Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, pp. 22–61.

CARVALHO, António Faustino (1998) - Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados das campanhas de sondagem (1992–1997). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, pp. 39–72.

CARVALHO, António Faustino (2008) - *A neolitização do Portugal meridional: os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*. Faro: Universidade do Algarve.

- CARVALHO, António Faustino (2014) - *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve.
- CARVALHO, António Faustino; GIBAJA BAO, Juan; CARDOSO, João Luís; (2013) - Insights into the earliest agriculture of Central Portugal: sickle implements from the Early Neolithic site of Cortiços (Santarém). *Comptes Rendus Palevol*. 12, pp. 31–43.
- DAVEAU, Suzanne (1980) - Espaço e Tempo. Evolução do ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos pré-históricos. *Clío*. Lisboa. 2, pp. 13–37.
- DINIZ, Mariana (2007) - *O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no interior/sul de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- FERREIRA, Octávio da Veiga (1974) - Acerca das cerâmicas neolíticas encontradas na parte superior dos concheiros da região de Muge (Portugal). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 58, pp. 191–195.
- FREITAS, Maria da Conceição; ANDRADE, César; AZEVÊDO, Teresa; PEREIRA, Ana Ramos; RAMOS, Catarina Melo; NUNES, Elisabete; PEREIRA, Diamantino (2006) - Understanding late glacial and holocene environmental changes through the sedimentological study of a core (Santarém Region). *Tagus Floods '06 Workshop*. Lisboa: Universidade, pp. 85–89.
- GONÇALVES, Victor S. (1989) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma aproximação integrada*. Lisboa: INIC/UNIARQ. (2 volumes).
- GONÇALVES, Victor S. (2009) - Um sítio do Neolítico antigo no Vale do Sorraia: Casas Novas (Coruche). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 5–30.
- GONÇALVES, Victor S.; DAVEAU, Suzanne (1983–1994) - Programa para o estudo da antropização do Baixo Tejo e afluentes: projecto para o estudo da antropização do vale do Sorraia (ANSOR). *Clío Arqueologia*. Lisboa. 1, pp. 203–206.
- LOPES, Gonçalo (2001) - *Carta arqueológica da bacia inferior das Ribeiras de Muge e Alpiarça*. Trabalho apresentado na disciplina de Seminário. Universidade de Évora (policopiado).
- MARTINS, António (2004) - As bacias sedimentares do Baixo Tejo e Sado. In *O relevo de Portugal: grandes unidades regionais*. Coimbra: Associação Portuguesa de Geomorfólogos, pp. 49–60.
- NEVES, César; DINIZ, Mariana (2014) - Acerca dos cenários da acção: estratégias de implantação e exploração do espaço nos finais do 5.º e na primeira metade do 4.º milénio AC, no Sul de Portugal. *Estudos do Quaternário*. Braga. 11, pp. 45–58. (disponível em: <http://www.apeq.pt/ojs/index.php/apeq/article/view/157>)
- NEVES, César (2010) - *Monte da Foz 1 (Benavente): um episódio da Neolitização na margem esquerda do Baixo Tejo*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado).
- NEVES, César; RODRIGUES, Filipa; DINIZ, Mariana (2008a) - Moita do Ourives: um sítio do Neolítico Médio no Baixo Tejo (Benavente, Portugal): matérias-primas e cultura material. In HERNÁNDEZ PÉREZ, Mauro; SOLER DÍAZ, Jorge; LÓPEZ PADILLA, Juan, eds. - *IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Alicante: MARQ. 2, pp. 216–221.
- NEVES, César; RODRIGUES, Filipa; DINIZ, Mariana (2008b) - Neolithization process in lower Tagus valley left bank: old perspectives and new data. In DINIZ, Mariana, ed. - *Early Neolithic in the Iberian Peninsula: regional and transregional components*. Oxford: Archaeopress, pp. 43–51.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1980) - O Neolítico da Comporta. In *Descobertas arqueológicas no sul de Portugal*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa; Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal, pp. 13–17.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; COELHO-SOARES, Antónia (2010) - Arqueologia de Chãos de Sines. Novos elementos sobre o povoamento pré-histórico. In *Actas do 2.º Encontro de História do Alentejo Litoral*. Sines: Centro Cultural Emmérico Nunes, pp. 11–34.
- SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da (2013) - Economia agro-marítima na Pré-História do estuário do Sado: novos dados sobre o Neolítico da Comporta. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 14, pp. 145–170.
- SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares da; GONZALEZ, António (2004) - Gaião: um sítio do Neolítico antigo do Estuário do Tejo. In *Actas das I Jornadas de História e Património Local*. Moita, pp. 37–59.
- VALERA, António Carlos (2006) - O Neolítico da desembocadura do Paleo Estuário do Tejo: dados preliminares do Palácio dos Lumiares (Bairro Alto, Lisboa). *Era Arqueologia*. Lisboa. 7, pp. 86–108.
- ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga (1968) - *Carta Geológica de Portugal: notícia explicativa da Folha 31-C, escala 1/50 000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.